

Oitocentos

Arte Brasileira do Império à República

Tomo 2

ARTHUR VALLE

CAMILA FAZZI

(ORG.)



2010

Realização da Publicação

UFRRJ
CEFET-Nova Friburgo

Organização

Arthur Valle
Camila Dazzi

Projeto Gráfico

Camila Dazzi
dzaine.net

Editoração

dzaine.net

Editoras

EDUR-UFRRJ
DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no *II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX*. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. / Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

1 v.

ISBN 978-85-85720-95-7

1. Artes Visuais no Brasil. 2. Século XIX. 3. História da Arte. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX.

CDD 709

ISBN 978-85-85720-95-7





Arte em revista: obras de arte publicadas na revista *Ilustração Brasileira**

Luciene Lehmkuhl



Ilustração Brasileira "realizou um belo programa de cultura. É uma revista de esplendor literário e sonora brasilidade. E é um florão heráldico das nossas artes graphics.

Pedro Calmon



autor da frase expressou sua opinião nas páginas da *Ilustração Brasileira*, em maio de 1935, quando da divulgação de um inquérito a respeito da opinião dos intelectuais e artistas sobre a publicação. Pedro Calmon, jornalista de renome já naquele momento, reconheceu na revista suas qualidades de órgão responsável pela propagação e divulgação da cultura no país, além, é claro, e este talvez seja o ponto mais relevante para este artigo, o reconhecimento da qualidade da apresentação gráfica da revista, tratada como "um florão heráldico" das artes gráficas no país. É neste viés que abordaremos *Ilustração Brasileira*. Interessa-nos apresentar e discutir sua presença na imprensa brasileira do período, especialmente no âmbito das revistas ilustradas, cuja peculiaridade é a publicação de reproduções de obras de arte e também de críticas, notícias e comentários sobre artes e artistas.

No mesmo número de maio de 1935 são anunciadas com destaque as características que enquadram o periódico no campo da cultura e o vinculam às propostas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nascido no ano de 1838, no âmbito da construção da nação que se havia tornado independente.

Formato imponente, impressão acurada, papel selecto, impressão caprichosa, e os demais requisitos que a tornaram o órgão preferido para as magnas comemorações promovidas pelo 'Instituto Histórico' (centenários do Brasil, da Confederação do Equador, do nascimento de D. Pedro II, do 2 de julho baiano, da plantação do café em nosso sólo) – não desmentirão o seu passado de intuições culturais e escrupulosa execução, de modo a reconquistar-lhe a influência entre as mentalidades de genuína elegancia mental e moral.¹

* Este texto apresenta o percurso de realização do projeto de pesquisa - Documentos para ler e ver: a coleção da revista *Ilustração Brasileira* no acervo do CDHIS - que vem sendo desenvolvido com recursos da FAPEMIG, Edital Universal 2009, visando diagnosticar o estado de conservação da coleção da revista *Ilustração Brasileira* existente no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS, da Universidade Federal de Uberlândia e instaurar ações para sua conservação preventiva, bem como propor ações para o acondicionamento e a viabilização do acesso de pesquisadores à coleção em condições adequadas de uso e manuseio, além do estudo do seu projeto gráfico, buscando

O texto registra ainda um posicionamento político/acadêmico/literário, pretensamente neutro, imputando aos seus colaboradores as responsabilidades por suas escolhas e decisões com relação ao uso da língua portuguesa, a qual naquele momento estava em pauta nas discussões entre Portugal e Brasil para a assinatura de acordos visando à convergência das ortografias de ambos os países. Este processo, iniciado em 1931 com a assinatura de um acordo preliminar, tem continuidade de maneira acirrada ao longo das décadas de 1930 e 1940, quando foram assinados acordos distintos que não levaram a uma unificação da língua portuguesa.

“Sendo um órgão de difusão cultural e o espelho do nosso momento literário, a ‘Ilustração Brasileira’ não tem partidarios de escolas nem impõe restrições aos seus colaboradores, dando lhes ampla liberdade, que se estende ainda ao uso da forma de graphar que mais lhes agrade.”²

> nas soluções estéticas encontradas e na organização visual proposta por seus editores e artistas gráficos, a pluralidade de projetos e relações estabelecidas entre imprensa, poder político, cotidiano e modernidade.

A coleção existente no CDHIS é composta por cento e quatro exemplares, não encadernados, publicados entre maio de 1935 e janeiro de 1944 e por três números, encadernados em dois volumes, de edições especiais, comemorativas ao Centenário da Independência, do ano de 1922. Sabe-se, até o momento, que a coleção entrou no acervo do centro de documentação na década de 1990, doado pela família de um médico da cidade de Uberlândia, então falecido. A presença dos exemplares da revista na cidade pode ser lida como indício da sua circulação pelo país, uma vez que era editada na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, era comercializada com a venda de exemplares avulsos e por assinatura.

A partir do ano de 2006, com a identificação da coleção no interior do acervo do CDHIS, três trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação e três relatórios de Iniciação Científica foram finalizados abordando a coleção da revista, de Geanne Paula de Oliveira Silva, Karina Paim Teodoro de Souza e João Batista Claudino Júnior, alunos do curso de graduação em História. Atualmente cinco alunos desenvolvem suas pesquisas fazendo uso da coleção, entre eles uma dissertação de mestrado, de Geanne Paula de Oliveira Silva e cinco monografias de conclusão de curso, Luciane Felipe Santos, Márlon de Oliveira Borges Carneiro, Lara Lopes, Aline Ferreira de Vasconcelos graduandos do curso de História e Lizandra Califfe Soares, do Curso de Artes Visuais.

Especificamente para o desenvolvimento do atual projeto, formou-se uma equipe composta por pesquisadores e estudantes da área de História, cujo interesse pelos documentos tem marcado suas atuações acadêmicas, com o intuito de abarcar as necessidades técnicas, teóricas e metodológicas que esta pesquisa exige. Coordenadora Luciene Lehmkuhl, professora do Instituto de História da UFU; colaborador, pesquisador e orientador Marcelo dos Santos Abreu professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal - UFU; bolsistas de Iniciação Científica Aline Ferreira de Vasconcelos, graduanda em História pela UFU e Márlon de Oliveira Borges Carneiro, graduando em História pela UFU e em Design Gráfico pela ESAMC.

Por pretender apresentar as pesquisas até então desenvolvidas e as pesquisas em andamento, este texto se reporta às monografias de conclusão de curso de graduação em História: SILVA, Geanne Paula de Oliveira. **Estado Novo e imprensa ilustrada**: propaganda política na revista Ilustração Brasileira (1935 - 1944). Instituto de História, UFU, Uberlândia, 2008. SOUZA, Karina Pain. **Brasilidade em cores**: metáforas cromáticas do Estado Novo nas páginas da revista Ilustração Brasileira. Instituto de História, UFU, Uberlândia, 2009. CLAUDINO JÚNIOR, João Batista. **O centenário e a Semana**: 1922 na revista Ilustração Brasileira. Instituto de História, UFU, Uberlândia, 2009. Reporta-se também ao artigo: SILVA, Geanne Paula de Oliveira. **Revista no acervo**: a coleção da Ilustração Brasileira (1935-1944). Cadernos de Pesquisa do CDHIS. n. 36/37, ano 20, p. 43-55, 2007.

¹ **Revista Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XII, n.1, maio 1935. (será mantida a grafia original nas citações dos textos da revista)

² Idem., Ibidem.

Os colaboradores da revista eram poetas, críticos das artes, romancistas de renome e prestígio como Affonso de E. Taunay, Olegário Marianno, Gustavo Barroso, Afrânio Peixoto, Flexa Ribeiro, Martins Fontes, Pedro Calmon, entre outros, quase todos, ligados à Academia Brasileira de Letras – ABL e também ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. São escritores que publicam regularmente nas revistas ilustradas e cuja produção responde às demandas e encomendas das instâncias dominantes da vida cultural. Profissionalizados e dentro da lógica do mercado, os escritores praticaram gêneros literários como a reportagem, o inquérito literário, a entrevista e principalmente a crônica, cuja presença nas revistas ilustradas é constante, exercendo

*vários papéis, ocupando o lugar do artigo de fundo, fazendo as vezes do que hoje se denomina editorial ou lançada no interior da revista, em seção exclusiva. Aproximava-se do artigo, sobretudo na característica comum de voltar-se para as ocorrências contemporâneas, no seu fazer imediato. Marcada pela reflexão despreziosa, redundou na forma ideal do trato literário de eventos cotidianos, driblando seu caráter efêmero.*³

Proprietários e colaboradores das revistas ilustradas controlavam um capital simbólico que os habilitava à participação na vida política do país. Eles tinham interesse tanto em manter quanto em ampliar esse capital simbólico e conseqüentemente seu prestígio para que tivessem garantidos seus lugares na dinâmica social. Por isso, as páginas das revistas eram espaços disputados por escritores já renomados e também por aqueles desejosos em recuperar ou encontrar lugar na vida social e política do país, como bem analisou Ana Maria Mauad, em artigo publicado⁴.

A revista *Ilustração Brasileira*, uma entre as muitas publicações da imprensa ilustrada brasileira da primeira metade do século XX, é um mensário editado pela *Sociedade Anônima O Malho* (a mesma editora de: *Cinearte*, *O Tico-Tico*, *Alamach do O Tico-Tico*, *Moda e Bordados*, *A Arte de Bordar*, *Anuário das Senhoras* e *O Malho*), no Rio de Janeiro [**Figura 1**]. Revista de grande formato, 36 x 27 cm, possui entre quarenta a sessenta páginas, salvo edições especiais, que costumam passar de cem páginas.

A revista passou por três fases de publicação: a primeira iniciou-se em 1909 e foi até 1915; a segunda fase iniciou-se em 1920 e foi até 1930; em maio de 1935 iniciou-se a terceira fase que, se estendeu até fins da década de 1950. O Catálogo da Biblioteca Nacional, por exemplo, considera que a revista editada em Paris, com o mesmo nome, entre 1901 e 1902 é a mesma que viria a ser editada

³ MARTINS, 2001, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo: Edusp. p.154.

⁴ Cf. MAUAD, Ana Maria. Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Disponível em: http://www.tau.ac.il/eial/X_2/mauad.html Acesso em 07 ago. 2006.

no Rio de Janeiro, ressurgida em 1909. No entanto a própria revista *Ilustração Brasileira*, indica sua origem a partir de junho de 1909, em seu número de abertura da terceira fase.

As capas [**Figura 2**] marcam a identidade visual da revista. Em geral as edições apresentam capas de fundo neutro, na cor do próprio papel ou na cor verde claro com a imagem da mão segurando a tocha dourada, cuja chama é representada em traços vermelhos, e circundada por estrelas também douradas. Há um relevo que só pode ser apreciado ao se manusear as edições (daí a importância do acesso ao documento físico ou de uma boa descrição dele). O nome da revista aparece logo abaixo da mão que segura a tocha, escrito com uma fonte que lembra os tipos “góticos”.

As edições especiais exibem ilustração da capa adequada ao tema da edição, conservando apenas a cor do fundo e a fonte do nome da revista. Estas edições, ao contrário das demais, não abordam uma variedade de temas e assuntos nos sumários, tratam de um tema em específico, com textos e autores variados, mas, também há aquelas que não se limitam a um único assunto e trazem um texto em especial, ou uma seqüência de reportagens sobre um determinado tema. Em meses e datas comemorativas como o Natal, em dezembro, ou o aniversário do Estado Novo, em novembro, são também apresentadas edições especiais.

Composta por crônicas, poesias, contos, reportagens fotográficas e abundantes ilustrações, o conteúdo da revista versa sobre artes, letras, doutrinação política e religiosa, questões econômicas, comportamento, moda, decoração de residências e interiores, festas e recepções sociais, aspectos da cidade, monumentos e espaço urbano.

O sumário, apresentado com frequência, indica os principais conteúdos de cada edição. Entre os títulos elencados aparecem as principais seções: *De mez a mez*, *Instantâneos de todo o mundo*, *Artes e artistas*, *O Rio de hoje e de há 30 anos*, *Mundanismo*, *Doublés*, *Trichromias*. Todas as edições seguem uma mesma seqüência de assuntos e organização dos conteúdos, com exceção das edições especiais. Sua diagramação é marcada pela presença de muitas imagens, sejam elas fotografias, ilustrações ou reproduções de obras de arte.

Os cuidados com a apresentação gráfica já se anunciaram desde sua segunda fase de publicações, na década de 1920. Para Nelson Werneck Sodré, em meio a tantas revistas ilustradas, dos mais diversos tipos, o “primor gráfico estaria, porém, com a *Ilustração Brasileira*, revista de luxo, cujos números de setembro a dezembro de 1922 foram copiosamente ilustrados por J. Carlos...”⁵ O autor refere-se aos quatro números das edições comemorativas ao Centenário da

⁵ SODRÉ, Nelson. A grande imprensa. In: _____. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed (atualizada) - Rio de Janeiro, Mauad, 1999, p. 348.

Independência, cujo editor responsável foi justamente J. Carlos. Possivelmente, a presença do renomado ilustrador tenha sido de fundamental importância para os cuidados extremos observados com a diagramação dos textos, com a organização das imagens nas páginas, com a utilização das cores, com os elementos gráficos e com as próprias ilustrações.

De qualquer maneira tais cuidados, o que hoje poderíamos denominar como arte gráfica ou design gráfico da revista, parecem ter se perpetuado nas edições posteriores a segunda fase, mesmo que seja possível perceber alterações na concepção gráfica dos exemplares da terceira fase, quando J. Carlos já não mais assinava como editor responsável. A partir do ano de 1935 é crescente a publicação de fotografias em detrimento da redução do número de ilustrações. As reportagens fotográficas se multiplicam, retratos de personalidades, paisagens e vistas urbanas, especialmente da cidade do Rio de Janeiro, se tornam freqüentes, bem como registros de visitas de exposições e apresentação de obras e artistas. A fotografia foi o destaque, evidente,

*coube [a ela] a dimensão mais abrangente como recurso de ilustração, invadindo progressivamente o periodismo. Era o recurso ideal para documentar a transformação das cidades, as cerimônias de impacto nos âmbitos político e social, a serviço da nova modalidade jornalística: a reportagem fotográfica.*⁶

Considerando que a imprensa ilustrada tem como uma de suas características principais a presença de textos visuais (ilustrações, caricaturas, reproduções de obras de arte ou fotografias), que o próprio Estado Novo usou e abusou do “poder” da imagem e que “a propaganda política vale-se de idéias e conceitos, mas os transforma em imagens e símbolos”⁷, as possibilidades de reflexões a partir da revista *Ilustração Brasileira* é bastante promissora aos estudos do período estadonovista (1937-1945).

O anúncio e divulgação do novo regime político e a subsequente propaganda política do Estado Novo, por exemplo, aparecem na revista desde as primeiras edições da terceira fase, mas a partir de 1937, ano de instauração do Estado Novo, ela se torna freqüente e abundante. Desde então *Ilustração Brasileira* passa a veicular com maior ênfase a imagem de um Getúlio Vargas [**Figura 3**] “pai”, “chefe da nação”, “amigo da juventude”, a divulgar as inúmeras inaugurações e exposições promovidas pelo governo, a noticiar com ênfase os atos governamentais, especialmente por meio de fotografias em variadas seções da revista.

⁶ MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 46.

⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolin. **Multidões em cena** - propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

As fotografias ocupam importante posição em relação ao texto, que diminui consideravelmente, propondo ao leitor estabelecer diálogo com as imagens. Elas são utilizadas com abundância nas seções *O Rio de hoje e de há 30 annos*, *Mundanismo* e, especialmente, *Instantâneos de todo o mundo* [Figura 4] e *De mez a mez* [Figura 5], que exibem fartura de fotografias, evidenciando a existência da parceria que começava a se delinear entre fotógrafo e repórter e, principalmente, entre texto escrito e texto visual, recurso bastante utilizado nas reportagens fotográficas a partir de fins da década de 1930.

Apesar da forte presença da fotografia as ilustrações, ou os *doublés*, como denominou a própria revista, também preenchem as páginas de *Ilustração Brasileira*. Ilustradores talentosos encontram espaço garantido no periódico, entre eles o consagrado J. Carlos e tantos outros como Calmon, Helmut, Leopoldo, Cortez e Belmonte. Até mesmo os artistas plásticos aderiram ao mercado impresso e passaram a publicar reproduções de suas obras ou ilustrações sob encomenda.

O aspecto mais marcante e talvez uma das características que singulariza a revista *Ilustração Brasileira*, ainda no que se refere ao uso das imagens, é a publicação de reproduções de obras de arte [Figura 6 e Figura 7]. Em todas as edições, com o título de *Trichromias* anunciado no sumário, uma, ou, em sua maioria, duas páginas inteiras, em geral as páginas de número 21 e 31, são dedicadas à publicação, com impressão colorida de excelente qualidade, de reproduções de obras de artistas nacionais ou estrangeiros. Os artistas nacionais em geral vinculados à Escola Nacional de Belas Artes, em sua maioria, atuantes durante o final do século XIX e primeira metade do século XX, com obras incluídas no acervo do Museu Nacional de Belas Artes e presentes nas principais exposições ocorridas durante o período citado, especialmente os Salões de Belas Artes.

Para Ana Maria Mauad, *Ilustração Brasileira* apresenta uma tendência mais refinada e artística, em meio as demais revistas ilustradas⁸. Pela publicação das *Trichromias* podemos concordar com a afirmação da autora, a publicação freqüente e por longo período de imagens de obras de arte, reproduzidas em cores e com destaque em uma única página, demonstra uma especial valorização da arte e dos produtos artísticos, em atendimento ao “gosto” dos editores e do público leitor.

Percebe-se, portanto, que *Ilustração Brasileira* dedica atenção e importância aos assuntos relacionados às belas artes, o oferecimento de cinco anos de assinatura grátis como “Prêmio Ilustração Brasileira” ao premiado no Salão Nacional de Belas Artes do ano de 1938⁹, é exemplo desta atenção. É também, especialmente importante e sinal da atenção da revista para com as artes a

⁸ Cf. MAUAD, op. cit.

⁹ *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 44, dez. 1938, p. 20.

presença permanente da seção *Artes e Artistas* [Figura 8]. Inicialmente dedicada a registrar os acontecimentos musicais, a partir de 1937, aborda assuntos referentes ao campo das artes plásticas, aparecendo subdividida em duas partes que publicam o ocorrido na área da *Música* - concertos e concursos musicais, e das *Belas Artes* - exposições com indicação dos artistas e do público frequentador, premiações concedidas aos artistas nos Salões, presença de artistas estrangeiros no país e as exposições em evidência nas galerias de arte.

A presença de textos assinados pelo crítico e professor da ENBA, Flexa Ribeiro, textos não assinados e, também textos de outros autores como Tapajós Gomes, marcam consideravelmente a importância atribuída à arte e aos assuntos relativos ao campo artístico na revista.

Em novembro de 1941, o poeta e crítico de arte, Tapajós Gomes assina matéria de três páginas dedicada ao pintor Vicente Leite, falecido naquele ano (provavelmente no mês de outubro). A matéria apresenta sete imagens, nas quais, podemos ver as obras e o pintor. Uma fotografia mostra o pintor em ação na realização dos painéis para o salão de recepção do Ministério do Trabalho [Figura 9]. Na sua construção, podemos observar uma imagem elaborada do artista e seu método de trabalho, na qual é possível conhecer os equipamentos por ele utilizados, a escada de sete degraus para acessar os painéis de grande dimensão (apoiados em cavaletes), os longos pincéis que permitem pintar a tela mesmo a uma distância considerável, a quantidade de pincéis, a posição de uso da paleta e os estudos dos painéis a serem pintados, afixados em cavaletes, servindo de modelo.

É apresentada, com destaque, a obra *Entardecer*, prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão de 1940. O texto se refere ao pintor como um vencedor, tanto por ter conquistado o referido prêmio quanto por ter saído de sua terra natal, Crato, no Ceará, e realizado o seu sonho de pintar e viver da sua arte. Nas palavras de Tapajós Gomes:

*Cortou-se, assim, em meio uma vida que fora promessa e se fizera realidade. Na fila dos nossos artistas contemporâneos, fez-se um claro irreparável. Não se perdeu apenas um grande paisagista. Perdeu-se um mestre, a cujas mãos o destino confiara o cetro de Batista da Costa! Felizmente, como trabalhara infatigavelmente a obra de Vicente Leite é volumosa. [...] Vicente Leite era um apaixonado pelas árvores, e tinha predileção acentuada pelas mangueiras. Onde quer que houvesse uma mangueira chamando por um pintor, Vicente Leite já tinha estado ou devia estar.*¹⁰

Passagens deste mesmo texto aparecem também em artigo publicado no jornal *Correio da Manhã*, no mês de outubro do mesmo ano, intitulado: “A mangueira na pintura de Vicente Leite”¹¹, o qual estranhamente não faz menção à morte do pintor que pode ter ocorrido após publicação da

¹⁰ GOMES, Tapajós. Vicente Leite. **Ilustração Brasileira**, ano XIX, n.79, nov. 1941, p.28-30.

¹¹ GOMES, Tapajós. A mangueira na pintura de Vicente Leite. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 out.1941, s/p. (Pasta do artista no MNBA, n. LE-34).

matéria. No texto, a mangueira é lembrada como a árvore predileta do pintor, da qual ele tira partido e recebe o prêmio de viagem ao estrangeiro.

Quanto à participação de Flexa Ribeiro, o professor de História da Arte e Arte Decorativa da Escola Nacional de Belas Artes é o único autor a escrever em todos os números da revista, sem exceção (nas edições pesquisadas - 1935 e 1944), tratando de assuntos relacionados às artes plásticas (pintores, escultores e suas obras, movimentos artísticos, história da arte, exposições, Salões, premiações), sempre emitindo sua opinião pessoal.

O crítico apresenta os artistas de sua predileção em um texto intitulado “Os pintores da hora da República”, publicado em novembro de 1936, no qual defende que “o período alto da arte brasileira está no fim do II Império e começo da República”¹². Segundo Flexa Ribeiro a metamorfose artística começou a acontecer com Agostinho da Motta, Victor Meirelles, Zeferino da Costa, Pedro Américo e com os “pintores da hora da República”, que seriam Almeida Junior, Aurelio Figueiredo, Decio Villares, Rodolpho Amoêdo, Henrique Bernardelli, João Batista da Costa, Eliseu Visconti e Oscar Pereira da Silva, a pintura brasileira teria chegado à sua curva mais ascendente. Observa-se, que se trata do período de atuação de muitos dos artistas, que tiveram suas obras publicadas na revista *Ilustração Brasileira*. Percebe-se, assim, que a revista *Ilustração Brasileira* celebrava uma estética baseada em nomes oriundos da Academia e posteriormente Escola Nacional de Belas Artes, servindo como vitrine para as obras destes artistas.

Na revista de setembro de 1935 Flexa Ribeiro comenta o Salão Nacional de Belas Artes daquele ano, apresentando, com destaque, reproduções das obras de Pedro Bruno, Osvaldo Teixeira, Manuel Santiago, Alfredo Galvão, Manuel Faria. No texto aborda as obras de Visconti, Manuel Santiago, Manuel Constantino, Alfredo Galvão, Haydéia Santiago, Henrique Cavalleiro e Vicente Leite. O crítico assinala a importância do Salão de 1935 por demonstrar que em

*uma impressão geral alguns aspectos da anarchia plástica tendem vivamente a acalmar-se. Durante várias décadas, mais de meio século, o Brasil não saía de uma terrível rotina, copiava sem muito compreender, ou compreendendo demais o que se fazia na Europa. É somente quando alguns movimentos já haviam perdido o veneno, é que se começava a aplicá-los, naturalmente, como tóxico formidável. Há dez anos porém, talvez menos ainda, tudo se mudou. Chegou aqui a notícia confirmada, de que na Europa, em Paris, quem não sabia pintar é que ganhava a partida. E foi uma corrida vertiginosa, a qual S. Paulo emprestou o seu nome prestigioso... Com o tempo, ficaram espantados e enfiados diante de tanta deformação. Precisamente, por isso, o Salão de 1935 é bem significativo. E talvez, aquele bolchevismo da forma e da cor, trouxesse algum benefício. Cada qual procurou fazer um exame de consciência plástica. Quanta penitência.*¹³

¹² RIBEIRO, Flexa. Os pintores da hora da República. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 19, nov. 1936, p. 16.

¹³ RIBEIRO, Flexa. Salão Nacional de Belas Artes: aspectos da pintura brasileira. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XII, n.5, set.1935, p.19.

Vale lembrar que Flexa Ribeiro denomina, em seu livro *História Crítica da Arte*, tanto o fauvismo quanto o cubismo como “escolas alógicas” e também “escolas da deformação”¹⁴. Ao longo do texto crítico publicado na revista, em forma de crônica do cotidiano da arte, o autor salienta questões relativas à “unidade na luz, a matéria pictural e sensualismo da epiderme, riqueza de colorido, matéria espiritual e espírito visível, compreensão dos valores e densidade da matéria”¹⁵, parece interessado na recomposição de uma certa atmosfera na pintura, que passaria sobretudo, pelo domínio no tratamento da cor e da luz. Neste viés lança fortes elogios à paisagem apresentada, no Salão, por Eliseu Visconti, denominada *Minha casa*.

Em outra crônica, intitulada, *Dois evolucionistas da plástica*, publicada em novembro de 1937, dedica-se a refletir sobre a produção plástica de Lucílio de Albuquerque e Da Veiga Guignard [Figura 10], dizendo que o primeiro é um artista de meditação e o segundo um artista de pesquisa. Aponta, no entanto, em ambos

*um ponto de contato, embora radicalmente diferentes: evolucionam dentro do próprio temperamento, correndo de um extremo para o outro, sempre no sentido de suas unidades morais [assinala que os dois artistas, diferentemente de muitos seus contemporâneos] não tratam de assimilar as pressas fórmulas da moda, e sim, procuram, embora sob influências à tona, encontrar-se, a si próprios, à ação daquelas novas energias da técnica e mesmo do sentido plástico novo.*¹⁶

Assim, Flexa Ribeiro tece seu pensamento nas páginas da revista que lhe proporciona generoso espaço e considerável oportunidade para a efetiva formulação de um discurso composto simultaneamente por textos e imagens. O crítico parece saber aproveitar esta oportunidade, uma vez que seus textos podem ser lidos em todos os números da revista, formando, em certas ocasiões, sequências de artigos que permitem conhecer o desenrolar do seu pensamento.

Portanto, com os exemplos elencados neste texto, podemos verificar que a revista *Ilustração Brasileira*, torna-se importante documento, objeto de estudo e sujeito do conhecimento histórico. Questões relativas à temporalidade histórica, especialmente o período estadonovista, motivo primeiro que engendrou o início da pesquisa, remeteram a investigação para aquém e para além da cronologia do Estado Novo. Percebemos a recorrência, nas páginas da revista, de obras e artistas cuja visibilidade na historiografia era diminuta, ao menos a pouco mais de uma década. Sendo assim, as revistas ilustradas e, especialmente, a *Ilustração Brasileira*, são peças fundamentais tanto para o

¹⁴ RIBEIRO, Flexa. **História crítica da arte**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1968, v.6.

¹⁵ RIBEIRO, Flexa. Salão Nacional de Belas Artes, op. cit., p.20.

¹⁶ RIBEIRO, Flexa. Dois evolucionistas da forma. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XV, n.31, nov.1937, p.18-20.

acesso a informações quanto para derrubar barreiras (físicas e metafóricas) ao estudo da arte e da cultura do século XIX no Brasil, cuja temporalidade não se limita à cronologia dos anos oitocentos.

Somos instados a pensar o lugar ocupado pela revista na modernidade brasileira. Indagar acerca do seu perfil editorial a partir da presença de seus colaboradores. Seria este perfil conservador e comprometido com o academicismo? Seria reacionário, como sugerem as palavras de Teixeira Leite ao se referir a Flexa Ribeiro?¹⁷ Se o articulista é o único a escrever em todas as edições da revista, seria legítimo supor que seus textos e seu pensamento corroboram e até mesmo definem o perfil da publicação. No entanto, no lugar de conclusões apressadas preferimos pensar que apenas as pesquisas realizadas, paulatinamente, por cada um dos estudiosos dos campos da arte, da política, da economia, da cultura, da música, da literatura, do cotidiano, com o cruzamento de dados e de temporalidades, poderão trazer a tona o interesse em se formular uma definição (sempre provisória) do lugar ocupado pela revista *Ilustração Brasileira* na modernidade.

¹⁷ TEIXEIRA LEITE, **Dicionário crítico de pintura brasileira**. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988, p.197 e 198. No verbete dedicado a José Pinto Flexa Ribeiro (1881-1971), o estudioso traça a trajetória de formação e profissional, indica as funções exercidas pelo crítico e professor, além de listar os periódicos nos quais atuou. Finaliza elencando seus livros e enfatizando sua poesia de viés simbolista e conclui dizendo que “foi crítico reacionário, comprometido com o academicismo conservador”.



Figura 1 - Publicações O Malho.
Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro, ano XII, n.5, set. 1935. Contracapa.



Figura 2 - Ilustração Brasileira.
Rio de Janeiro, ano XII, n.6, out. 1935. Capa.



Figura 3 - Fotografia de Getúlio Vargas posando para o escultor Jo Davidson. *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, ano XX, n.83, mar.1942, p.44.



Figura 4 - Seção *Instantâneos de todo o mundo* - *Ilustração Brasileira*.



Figura 5 - Seção *De mez a mez* - Ilustração Brasileira.



Figura 6 - HENRIQUE CAVALLEIRO: *Está na hora*.

Seção Trichromias. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano XII, n.10, fev. 1936, p.21 e ano XIX, n.70, fev. 1941, p.31.



Figura 7 - JOÃO BATISTA DA COSTA: *Sapucaeiros Engalanados*.
 Seção Trichromias. **Ilustração Brasileira**, Rio de Janeiro, ano XII, n.3, jul. 1935, p.31,
 ano XVI, n.34, fev.1938, p.21, e ano XIX, n.80, dez. 1941, p.35.



Figura 8 – Seção Artes e Artistas.
Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro, ano XV, n.31, nov. 1937, p. 26 e 27.



Figura 9 - VICENTE LEITE.
Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro, ano XIX, n.79, nov. 1941, p. 28.



Figura 10 - DA VEIGA GUIGNARD: Flores d'água.
 Seção Trichromias. **Ilustração Brasileira**, ano XV, n. 31, Rio de Janeiro, nov. 1937, p. 21.